

# Boletim Científico

Escola Superior do Ministério Público da União

# Seção I

Direitos Humanos

# 11/9 ou Modernidade e terror<sup>1</sup>

Agnes Heller\*

No ano passado eu me decidi a deixar de lado a teoria política e escrever sobre política apenas em minha condição de cidadã. Num acesso momentâneo de otimismo, regoziquei-me ao imaginar que nos campos da filosofia e da teoria social eu já havia cumprido meu dever e afinal poderia, merecidamente, debruçar-me exclusivamente sobre assuntos mais gratificantes, como arte ou religião. O 11 de setembro provou-me que eu estava errada. Não que eu tivesse compartilhado nem por um minuto da crença, generalizada e popular no início dos anos 90 do século recém-fimido, de que o tempo do totalitarismo e do terror havia passado, porque eu jamais deixei de enfatizar que ele não passou. O totalitarismo e o terror permaneceram entre nós à margem da ordem política democrático-liberal, e assim desde sempre foi evidente que mais cedo ou mais tarde eles poderiam ameaçá-la em alguma forma nova. Não obstante eu acreditei, ou melhor, esperei, que isso aconteceria mais tarde e não mais cedo; que nós poderíamos desfrutar de algumas décadas de convalescença.

Já se tornou lugar-comum sustentar que fatos políticos são contingentes, que não se pode prever nem profetizá-los, mas que apesar disso pode-se chegar a uma compreensão aproximada, depois que eles aparecem, das condições estruturais, pelo menos (isso tanto em relação às estruturas políticas quanto às psíquicas) do que se consegue saber deles. Depois do ataque de 11 de setembro tornou-se evidente

---

\* Agnes Heller é titular da cátedra Hannah Arendt de Filosofia na New School for Social Research, Nova York. Na edição de número 14 do *Boletim Científico da Escola Superior do Ministério Público da União*, publicamos da autora o artigo “As várias faces do multiculturalismo”.

<sup>1</sup> Tradução de Marco Aydos a partir do original “911, or modernity and terror”, publicado na revista *Constellations*, v. 9, n. 1, 2002, gentilmente autorizada pela autora para publicação no *Boletim Científico da ESMPU*.

que uma onda de terror ameaça novamente as democracias liberais. Não sabemos onde nem como se dará o próximo ataque, porque todos os fatos são contingentes e nenhum pode ser previsto, mas já sabemos muito sobre a organização, a operação, os condutores sociais e a ideologia do terror global; sabemos o suficiente para uma compreensão aproximada.

Este estudo pretende contribuir para um discurso compreensivo que se vem construindo. Ainda assim eu não o teria escrito se não me tivesse defrontado com muitos fraseados supersofisticados de literatos, que me irritaram a ponto de sentir-me forçada a tornar pública minha opinião. Eu não preciso mencionar nomes, norte-americanos ou alemães, mas são todos intelectuais de renome, cujos escritos chocaram-me não só por sua insensibilidade como também por sua irrelevância. E, não obstante, eles fixaram o tom, ou pelo menos uma entonação que ressoou sobre muitas outras opiniões. Vou confrontar-me aqui não só com esses fraseados, como também com muitos outros que já se tornaram típicos. Evidentemente eu entro em discussão apenas com aqueles que sejam parceiros numa discussão. A condição mínima de participação é a condenação do ato terrorista do 11/9 como algo “inumano” ou “inescusável”. Aqueles que condescendem com ele, ainda que apenas sob certas condições, não serão partícipes reais ou potenciais neste discurso.

Seja-me permitido enumerar os grandes grupos de opiniões correntes.

1. Em primeiro lugar vêm as tais razões da “globalização”.
  - a) A distribuição de bens escandalosamente desigual, o abismo crescente entre ricos e pobres e a pobreza no mundo em geral tornam as pessoas desesperadas e furiosas. O terror é uma resposta, do mesmo modo como seriam respostas as manifestações em Seattle e em Gênova. É, obviamente, uma resposta errada, mas ainda assim é uma resposta. Na medida em que ele responde aos males da globalização, nós só poderemos repressar o terrorismo pondo um fim à globalização, restringindo o poder dos negócios internacionais até chegar a esvaziá-lo e restaurando economias e mercados locais.

b) O terror é uma resposta ao capitalismo em geral; é uma atitude anticapitalista (ainda que errada). O capitalismo destrói formas tradicionais de vida, de religião e de moralidade. É hedonista e decadente. Espalha tecnologias que envenenam o ambiente. Em resposta a essa visão, a idéia é de que seria possível acabar com o terrorismo introduzindo tecnologias alternativas, fazendo assim com que deixe de propagar-se a tão falada decadência ocidental.

2. Em segundo lugar vem a razão da “culpa americana”.

a) A América<sup>2</sup> sempre foi culpada, especialmente em suas relações com os mundos árabe e muçulmano, que têm sido constantemente humilhados e sentem-se frustrados por culpa dos Estados Unidos. Uma intervenção norte-americana secreta deu ao Xá do Irã seu trono; a América defendeu ditadores militares no Paquistão; apoiou os fundamentalistas (bin Laden inclusive) no Afeganistão contra os soviéticos; foi à guerra contra o Iraque; segue apoiando regimes reacionários no mundo árabe, e.g., na Arábia Saudita; e apóia Israel contra os palestinos.

b) A América é a fonte da abominação moral: ela tolera a homossexualidade, a amoralidade nas mulheres, as vestimentas frívolas, as drogas e o alcoolismo – tudo isso que ela espalha pelo mundo com ajuda da hegemonia da cultura de massas norte-americana.

c) Esse feixe de razões normalmente inclui a premonição de que a América adotará alguma forma de retaliação (como sempre) pelo ataque terrorista. Como se passou na Iugoslávia, haverá muitas vítimas civis. A América causará muito mais mal do que aquele que sofreu (como sempre); talvez chegue mesmo à terceira guerra mundial. O xis da questão é que a América

---

<sup>2</sup> NT – Mantenho o termo América como sinônimo de Estados Unidos, especialmente porque nas manifestações globais esse nome, usado em inglês para referência a parte da América, isto é, aos Estados Unidos da América, tornou-se corriqueiro e adquire um sentido marcado no discurso político globalizado.

faz qualquer coisa para preservar sua dominação sobre o mundo, seja a que preço for.

3. Em terceiro lugar vem a razão do “fundamentalismo islâmico”.
  - a) É um equívoco acreditar que o Islã está representado na Bíblia. Os muçulmanos sequer conhecem a Bíblia. O fanatismo e o fundamentalismo formam a essência do Islã. O Islã não admite qualquer Ilustração e resiste à modernidade.
  - b) A principal guerra na modernidade é uma guerra cultural. As culturas européia e muçulmana não conseguem coexistir. O Islã é inferior à cultura européia, mas reclama superioridade. A fúria ressentida e o ódio do Islã contra a alteridade absoluta de um estrangeiro, ainda por cima mais bem-sucedido, são o combustível dos ataques terroristas.

Antes de esmiuçar uma por uma dessas razões eu quero apontar algo de que todas elas compartilham. Toda aluna de primeiro ano de Sociologia aprende a distinguir explicação de compreensão, e repetirá a bem aprendida lição de que nenhum fato social ou histórico pode ser apreendido por explicação, apenas por compreensão (“*Verstehen!*”, ela repetirá orgulhosamente em alemão ao ser sabatinada). Nenhuma das razões referidas acima explica o ataque terrorista contra o WTC e contra o Pentágono exclusivamente com a enumeração de causas, porque elas procuram explicar um fato (o ataque terrorista), um fato contingente, por suas causas suficientes. Fazer isso é evidentemente incorrer em grave equívoco filosófico, já repudiado por Aristóteles em sua *Metafísica*. Mesmo que se pudessem enumerar as causas suficientes de um fato histórico, o que é impossível, esse fato ainda permaneceria contingente e completamente incompreendido. Aristóteles disse que se precisa conhecer a causa final e a causa formal, i.e., a essência ou a função de alguma coisa, para poder explicá-la ou compreendê-la. Já voltarei a esse ponto. Primeiro quero escrutinar as “causas” acima referidas.

No que se refere ao primeiro grupo de razões, é verdade que o mundo agora está dividido entre nações ricas e pobres, e que o abismo entre elas aprofundou-se durante os últimos dez anos. Eu diria mais,

que esse abismo também está aumentando internamente às nações, e.g., nos Estados Unidos. Mas eu tenho dúvidas se a globalização seria responsável por todas essas mazelas. O abismo entre nações pobres e ricas é na verdade um problema global, e é por isso que ele precisa ser tratado de modo globalizado e não antiglobalizado. É óbvio que apenas uma espécie de política social-democrática de redistribuição pode enfrentar o problema com pelo menos a mínima esperança de sucesso. Mas a social-democracia é o inimigo número dois do terrorismo mundializado, assim como lhe será inimiga toda formação liberal, social ou politicamente secularizada. Além disso, não são os pobres, mas os muito ricos as cabeças pensantes por trás do terrorismo global, e mesmo aqueles que o executam são primordialmente filhos de classes médias, em especial de altas classes médias. Eles estão a uma distância gritante dos desgraçados da terra.

Os partícipes de protestos de massa contra a globalização são ideologicamente muito diferentes. E mesmo que algumas organizações terroristas possam aproveitar-se dessas manifestações para o exercício da violência, elas não representam o movimento todo. Ao contrário, o terror global é cria da globalização. O terror globalmente organizado é o terror de um mundo globalizado.

Também é verdade que o capitalismo destrói muitas das formas de vida que lhe precedem. Por exemplo, ele destrói monarquias tradicionais, aristocracias tradicionais, divisões estamentais rígidas e a auto-suficiência rural. Não obstante, se observarmos atentamente alguns líderes e membros de organizações terroristas, notaremos de imediato que eles são beneficiários do capitalismo: eles devem suas posições à destruição de estruturas tradicionais. O pai de bin Laden não era um príncipe nem filho de um príncipe, mas um homem que se fez por si (um *self-made man*), um burguês de extração recente, como também o era o pai de Atta. O inimigo número três do terrorismo global são notadamente as últimas monarquias (quase) tradicionais do mundo árabe, ao passo que seus melhores amigos são as suas ditaduras revolucionárias como a Síria, o Iraque e a Líbia. Ontem eram os leninistas, i.e., fundamentalistas seculares (e muitos deles ainda são); agora eles tornaram-se fundamentalistas muçulmanos. Na perspectiva atual isso

não difere em nada. Existe fundamentalismo apenas lá onde não há mais fundamentos.

Enfrentemos agora a segunda razão, a da “culpa da América”.

A América tem cometido muitos equívocos em sua política externa e tomado muitas decisões ruins. Ela também já tomou muitas decisões elogiáveis e boas. Nos últimos dez anos, desde o colapso da União Soviética, na minha opinião as decisões boas preponderaram sobre as ruins. Mas ainda que alguém pense o contrário, isso não altera o fato de que o ataque terrorista não tem nada que ver com ações anteriores da América, sejam boas ou más. As duas coisas estão completamente desconectadas. O processo de paz israelo-palestino já estava a caminho (com a ajuda dos Estados Unidos) quando o ataque terrorista contra a América estava em estágio avançado de planejamento. Os esforços de grupos terroristas nesse estágio poderiam apenas atrasar o processo de paz e por isso *não* ajudariam os palestinos. Eu não ficaria admirada se fosse revelado que a organização por trás da segunda Intifada também tem responsabilidade pelo ataque aos alvos americanos.

A imagem da “culpa americana” é uma imagem ideológica. Não é causa de nada, mas serve de justificativa para tudo. Sempre que um americano expressava horror diante dos expurgos de Moscou, ele ouvia em resposta que na América os negros apanham. E isso era verdade, mas não tinha nada que ver com os expurgos soviéticos nem com campos de concentração, e ainda assim servia como justificativa ideológica para tudo. E, tal como naquele tempo, o mesmo se passa hoje com o argumento da “culpa da América”. Seus defensores dizem: “o ataque foi um erro, é óbvio, mas ainda assim há algo de verdade nele”, o que significa que há uma certa justificativa. Ainda se precisa aprender a mais simplória das sabedorias filosóficas, ou seja, que não se pode dizer uma mentira em dez frases sem dizer algo verdadeiro. As ideologias fazem uso desse lugar-comum. Elas sempre transformam uma pequena verdade numa grande mentira. Certamente era verdade que o Tratado de Versalhes era injusto – mas daí justificar-se Hitler era uma mentira infame.



Se o mundo árabe se sente frustrado, não foi a América quem causou essa frustração. A frustração, que é verdadeira, seguiu-se ao colapso da tentativa de criação de um Estado pan-árabe e à derrota do nacionalismo pan-árabe. A ideologia leninista, largamente adotada durante a época de Nasser e da subida ao poder do partido Ba'ath, revelou-se um pouco inútil para o projeto de construção de um império. Essa é a pré-história, ainda que não a causa, da emergência e do fortalecimento do fundamentalismo muçulmano, o qual, em realidade, originou-se em um país não-árabe que já estava em atrito com o mundo árabe contemporâneo.

À premonição de que “a América irá contra-atacar e mais uma vez bombardear populações civis” eu responderei apenas brevemente. Na minha concepção, os ataques contra o Iraque e a Iugoslávia foram justificados. Mas mesmo aqueles que sustentem o contrário terão de convir que, segundo todas as tradições teóricas de guerras justas desde Grotius até os dias de hoje, o ataque do 11/9 contra os Estados Unidos está entre os casos mais puros e mais incontestáveis de *ius ad bellum*, o direito à guerra. Qualquer comparação com Pearl Harbor é forçada, porque os japoneses atacaram a marinha e a força aérea, potencialmente beligerantes, ao passo que o ataque de 11/9 atingiu imediatamente não-beligerantes, reais ou potenciais. O ataque também infringiu (fora de uma situação de guerra) o *ius in bello*, ou seja, o princípio de conduta justa *na* guerra. O problema de como a América deva retaliar é apenas pragmático, uma questão de medida, não um problema de justiça ou de direito. (Eu observarei, apenas, em parêntesis, que ter direito a declarar guerra não é equivalente a “ser bom” – primeiro, porque apenas indivíduos podem ser bons e não Estados; e segundo, porque, mesmo no que se refere a indivíduos, ninguém é bom porque faz alguma coisa em justificada autodefesa. Ao contrário, alguém é bom se ajuda vítimas de agressão sem ter sido atacado. Mas no caso de Estados soberanos nem mesmo essa condição faz sentido.)

Agora vou abordar o último grupo de explicações: “o fundamentalismo muçulmano”.

É verdade que os povos do Islã não são povos da Bíblia (eles não lêem a Bíblia, ela não é seu livro sagrado), e que eles diferem nisso das

outras duas religiões monoteístas tradicionais. Mas eu acho que isso tem muito pouco que ver com nosso problema. Os primeiros homens-bomba suicidas foram japoneses, não muçulmanos. Existe uma tradição muçulmana de fanatismo, mas o mesmo se passa de várias formas nas tradições judaica e cristã. Agora, lá onde a superioridade da tradição européia em relação ao Islã está em questão, bem, se precisaria mesmo de memória muito fraca para acreditar nisso. Os dois regimes totalitários de terror do século vinte – o nazismo e o bolchevismo – foram subprodutos da cultura européia. Mas da mesma forma como não se pode deduzir a União Soviética dos textos de Marx ou o nazismo dos textos de Gobineau ou de Nietzsche, também é absurdo tentar deduzir bin Laden do texto do Alcorão. É certo que o Alcorão endossa a *jihad*, que Karl Marx saudou a ditadura do proletariado e que Nietzsche elogiou a besta loira. Mas, e daí? Regimes de terror precisam de textos tradicionais por razões ideológicas; eles usam e abusam deles como ideologias. Nenhum texto deve ser lido do ponto de vista de sua implementação ideológica.

A isso eu gostaria de somar uma observação pessoal. Apesar de falarmos em fundamentalismo muçulmano como a ideologia da nova onda de terrorismo global pós-moderno (e justificadamente), por enquanto todos os membros conhecidos de organizações terroristas, inclusive seus *Führers*, são muçulmanos árabes. A revitalização do muçulmanismo começou no Irã, mas eu não vejo um único iraniano entre os terroristas. Não vejo também um paquistanês ou um malaio, nem um turco ou indonésio, e nem mesmo um afegão. Em quase todas essas sociedades muçulmanas se vêem manifestações contra a América, gritam-se palavras de ordem e multidões carregam cartazes do seu atual *Führer*, bin Laden. Mas todos os principais organizadores (tanto quanto sabemos), todos os homens-bomba suicidas, e mesmo os suspeitos de terrorismo agora presos, são árabes. Será que se precisa da fertilização recíproca entre a ideologia de uma cultura guerreira e o Islã como ideologia para produzir a nova onda de terrorismo?

O fundamentalismo é um fenômeno moderno. É uma reação ao processo de Ilustração, à destruição/desconstrução de arranjos sociais tradicionais, à idéia de progresso, à crença no racionalismo, à perda de comunidades naturais, de identidades, segurança e certeza – uma rea-

ção à contingência e ao fardo de uma liberdade abstrata de que o indivíduo mal ou bem pode dispor. O fundamentalismo é um sistema fechado de crenças, seculares ou religiosas, e não permite qualquer discussão sobre sua compatibilidade ou incompatibilidade com qualquer outro sistema de crenças, porque ele compreende a si mesmo, por definição, como incompatível. O fundamentalismo oferece fundamentos num mundo que não os possui. Ele trabalha com o conceito de verdade da tradição das religiões monoteístas (todo o resto é heresia ou paganismo, perverso, mau etc.). O desejo de pertencimento, a insegurança em ser minoria, o impulso por liberar-se do peso do pensamento independente – tudo isso se junta na tendência para o fundamentalismo, e está presente em todo lugar no mundo moderno, até mesmo entre liberais. O fundamentalismo também pertence à história (tanto passada quanto presente) dos Estados Unidos.

Um sistema fechado de crenças (seculares ou religiosas) é pré-requisito do terrorismo moderno, apesar de ser apenas um entre vários outros. A segunda condição é uma organização totalitária. A organização totalitária foi inventada por Lenin em 1903, no Congresso que fundou a facção bolchevique do Partido Social-Democrata Russo. Lenin inventou uma organização partidária que devia funcionar como um exército. O centro expede ordens e cada unidade obedece, em cada uma das diversas instâncias hierarquicamente estruturadas. Um partido assim, sustentava Lenin, consegue funcionar com segurança na clandestinidade e na ilegalidade. A organização é um Todo porque está fundada numa verdade e num objetivo compartilhado. Na concepção de Lenin, todo membro deve aceitar os ensinamentos marxistas como a Verdade, compartilhar os objetivos de tomada do poder, da tal ditadura do proletariado, da revolução mundial e da destruição do capitalismo. Ele ainda somou duas notas importantes a esse cenário, isto é, que a democracia e o liberalismo são inimigos, entre outras razões, porque os liberais supostamente apenas conversam, ao passo que revolucionários devem agir e, além disso, porque são os intelectuais que adoram discutir, trabalhadores preferem a ação. Na perspectiva de Lenin, qualquer um que esteja em posição de comando no partido é por definição um trabalhador, isto é, alguém atuante, e não precisa discutir nem permitir que outros o façam. “Ação”, aqui, significa força e violência.

O partido totalitário de Lenin foi em verdade uma invenção completamente nova, e tornou-se o modelo para todos os partidos totalitários subsequentes, tais como os partidos comunistas da Europa e da Ásia, o partido nazista e os partidos fascistas da Europa, do Oriente Médio e da América Latina. Eu acentuo que um partido apenas será completamente totalitário se for também fundamentalista. O marxismo-leninismo era uma ideologia fundamentalista, e assim também eram as ideologias do racismo. E todas tinham caráter secular.

Se partidos totalitários tomam o poder do Estado, eles totalizam o Estado. Se o Estado já está totalizado, eles começam a totalizar toda a sociedade. “Totalizar”, aqui, significa proscriver o pluralismo. Numa sociedade moderna o pluralismo não pode ser eliminado, mas ele pode ser proscrito. Isso significa, na prática, que o partido determina quais visões são permitidas e quais são proibidas. As visões proibidas são por definição aquelas do inimigo. O totalitarismo mantém o partido, o Estado e a sociedade num estado de revolução permanente; ele conduz guerras intermináveis contra inimigos internos e/ou externos. Regimes totalitários precisam de uma imagem muito forte do inimigo, eles precisam demonizar o outro. Tanto o “nós” quanto o “eles” precisam ser visualizados. O “nós” é representado pelo cartaz com o *Führer*, o outro por qualquer inimigo/estadista que possa ter sua fotografia queimada. A cada “Viva!” deve seguir-se um “Abaixo!”, tal como no famoso romance de Silone.

Nem todas as organizações, Estados ou sociedades totalitárias, todavia, são terroristas. Todos os grupos totalitários tratam seus inimigos com brutalidade; eles organizam assassinatos, eles assassinam em massa, e mandam até mesmo simples suspeitos para campos de concentração. Mas o terror significa matança indiscriminada. O terror comanda se não existe a mínima relação entre as ações e a conduta da pessoa, de um lado, e o fato de ela ser escolhida como vítima de assassinato-por-atacado, de outro lado. O terror é absolutamente irracional do ponto de vista da vítima, que não pode evitar que ela e sua família sejam assassinadas – nem mesmo pelo mais rigoroso colaboracionismo com o grupo que aterroriza. Mas o terror é completamente racional do ponto de vista do terrorista. A palavra terror tem dois significados: medo e intimidação sem precedentes, por um lado, e matança

indiscriminada de outro. O objetivo do terror do ponto de vista do terrorista é exatamente essa intimidação. Todos devem ter medo. O medo e a fé podem chegar a fundir-se psicologicamente. Quanto mais os outros o temem, mais importante você se torna.

É discutível se a União Soviética foi um regime de terror desde sua concepção ou se ela ficou assim apenas na era da coletivização. No tempo de Lenin, os membros das ditas classes inimigas já eram alvos, além dos inimigos políticos reais, suspeitos ou potenciais. Seja como for, com a coletivização (a totalização de toda a sociedade) o terror atingiu seu ápice e, com exceção de alguns poucos anos de guerra, ele nunca chegou a diminuir até a morte de Stálin. Coisas bem parecidas podem ser ditas da Alemanha nazista. Desde que os judeus – crianças e nascituros incluídos – foram, desde o início, selecionados como alvos inimigos sem qualquer provocação sua, poder-se-ia dizer que o regime foi de terror desde o início. Mas também se poderia dizer que o regime tornou-se terrorista a partir de 1939, quando o plano de exterminação de judeus e outros foi executado.

Eu não traço esses esboços com o objetivo de explicar bin Laden e sua organização terrorista, mas para inseri-los numa espécie de genealogia. Algo que já havia sido inventado, que já fez sentir sua presença no mundo (nesse caso, o totalitarismo terrorista) pode facilmente combinar-se com elementos de paternidade distinta. Adiante retornarei à discussão sobre as características comuns entre os Estados totalitários europeus e a organização, a ideologia, a filiação e as ações do grupo bin Laden. Primeiro quero prosseguir com sua genealogia.

Depois da Segunda Guerra Mundial vários pequenos grupos de ação/terror apareceram em cena, da Europa e Japão à América Latina. Eles eram relativamente independentes uns dos outros, pelo menos no começo. Nem todas as organizações que eram chamadas terroristas nessa época eram realmente terroristas na minha interpretação. Para grupos que têm como alvo homens de Estado individualmente considerados, agentes de polícia secreta ou policiais considerados responsáveis por homicídios (reais ou supostos), eu usaria o termo “assassinos políticos”, não “terroristas”. Isso não significa que eu condescenda com o (então) generalizado culto a heróis adotado por alguns inte-

lectuais europeus em relação a esses grupos, como o dos Tupamaros. (Eu já os condenava naquele tempo.) Também não pretendo tratar aqui do terrorismo étnico/nacional, porque esses grupos tinham objetivos concretos, algumas vezes com certa justificação, algumas vezes sem nenhuma. Eu prefiro concentrar-me nos terrorismos italiano e alemão, no das Brigadas Vermelhas e dos grupos fascistas correspondentes, de um lado, e no terrorismo do grupo Baader-Meinhof de outro, e, além deles, nas unidades terroristas do Oriente Médio no Líbano e na Síria, patrocinadas naquela época pela União Soviética. Esse último aspecto é relevante, porque era por isso que eles eram chamados “de esquerda”. Os predecessores de bin Laden eram chamados de “esquerdistas” porque eram patrocinados pelos soviéticos, ao passo que qualquer um que fosse apoiado pelos americanos era chamado “de direita”. O que decorre desse notável absurdo, e desde então dá-se por suposto, é que a América ajuda “direitistas”, tais como o democrático Israel, ao passo que os soviéticos ajudam “esquerdistas”, tais como os militantes muçulmanos no Líbano. Essa ideologia, apesar de absurda, ajudou a preparar a primeira ofensiva na globalização das redes de terror.

É fato que a distinção entre direita e esquerda, apesar da irracionalidade na sua utilização, ainda indica uma relação bem viva com uma tradição política. Pois decerto que os Brigadas Vermelhas não eram “esquerdistas” num sentido político, como também não eram simplesmente “direitistas” num sentido político os assassinos em massa da estação de trens de Bolonha.

Como acontece nas genealogias em geral, eu preciso simplificar a história. O que havia de novo aqui? Qual a novidade que veio ao mundo com os terroristas do pós-guerra? A novidade é que eles eram ou tornaram-se terroristas, entre outras razões, porque eles “inventaram” a tática do seqüestro como meio de chantagem política. O seqüestro usa civis aleatoriamente como reféns para atingir objetivos políticos, tais como a libertação de camaradas presos ou a divulgação das ideologias do grupo. Mesmo em situação de guerra, a tática de tomar reféns é um caso elementar de conduta ilícita. Tomar civis aleatoriamente como reféns e finalmente matá-los logo tornou-se prática generalizada em terra, não só no ar. Esses terroristas, especialmente

na Europa, não tinham por objetivo a tomada de poder do Estado, seus objetivos eram principalmente negativos: intimidação, subversão, agitação e no geral a exposição a nu das mazelas do Estado e do sistema democrático. Fossem ou não anticapitalistas em sua retórica, todos eles odiavam a democracia existente, o Estado, o liberalismo, o *establishment*, a hipocrisia. Ao “enojarem-se” com o modo de vida burguês e com um cotidiano prosaico, eles compartilhavam da alternativa do culto aos heróis do bolchevismo, do fascismo e do nazismo, só que eles não possuíam *Führers*. Nem mesmo o Baader, figura masculina carismática do seu grupo, era um *Führer*. Mas foi precisamente esse fato que, somado à ausência de um projeto concreto de tomada de poder em qualquer Estado, tornou esses grupos terroristas os propulsores iniciais do terrorismo global. Eles passaram a conectar-se e a planejar ações conjuntas. Terroristas alemães eram treinados em campos de manobras do Oriente Médio, e como resultado sua ideologia passou a incluir fortes acentos retóricos de anti-semitismo e oposição a Israel. Esses grupos terroristas jamais foram completamente vencidos, eles foram apenas enfraquecidos. Primeiro, porque a onda de uma “nova esquerda”, que por um breve período realçou projetos de longo prazo, roubou-lhes os simpatizantes políticos; segundo, porque tanto o terrorismo “de esquerda” quanto o “de direita” perderam seus apoios financeiros e organizacionais com a queda do império soviético.

Uma observação lateral: esses grupos terroristas relativamente pequenos uniam-se apenas por ideologias fundamentalistas, não pela raça, pela classe social ou pela religião. Eles eram extraterritoriais, não só no fato de aos poucos se tornarem globalizados, mas também no sentido de que em lugar nenhum eles sentiam-se em casa. Disso decorre que eles não praticaram purgações étnicas no sentido utilizado pelos dois regimes de terror totalitário. A purgação étnica como violação flagrante dos direitos humanos e de cidadania é manifestação provável, mas não necessária, do terror total, e tem sido praticada até por Estados que não eram totalitários ou nem mesmo completamente autocráticos. No caso do terror global, bin Laden e sua organização obviamente querem “limpar” o Oriente Médio de judeus e uma vez que isso se torne impossível eles podem até pender para uma purgação religiosa entre muçulmanos. Isso é, todavia, pura especulação.

A abordagem genealógica exige que façamos um catálogo preliminar dos elementos comuns entre todos os Estados e organizações terroristas. Esses elementos passam a ser combináveis em modos diferentes; alguns são postos de cabeça para baixo e combinados com elementos novos ou com elementos extraídos de diferentes origens. Eu daria aqui alguns exemplos, sem pretender que eles sejam algo mais que meros exemplos. Ao contrário das ideologias fundamentalistas pagãs ou ateístas das organizações nazistas e bolcheviques, o nosso terror global contemporâneo usa a religião (uma religião) como ideologia. Isso não é pior nem melhor que as ideologias secularistas de terror, se eu puder expressar-me em termos tão inadequados, mas é algo evidentemente diferente, que por isso exige estratégias novas se pretendemos compreendê-lo. Os constituintes do terror global contemporâneo não são raças ou classes, mas os muçulmanos. Ou, numa formulação mais adequada, esses novos terroristas representam a si mesmos como o povo do Islã, do mesmo modo como os nazistas se representavam como pessoas que eram da mesma raça de seus constituintes, e de modo similar ao dos bolcheviques, que representavam a si mesmos como uma classe mitológica chamada proletariado. Como esses, os novos terroristas precisam inventar uma “grande narrativa” completamente nova. E de fato bin Laden fez exatamente isso numa entrevista recente à televisão, na qual ele fez uma história de frustração muçulmana começar com a ocupação de Jerusalém pelos cruzados, seguindo pela *reconquista* da Espanha, até chegar à ocupação de Jerusalém pelos judeus. Uma outra combinação nova é o fato de que os terroristas contemporâneos não almejam a tomada de poder num Estado, mas a infiltração ideológica em todos os Estados muçulmanos. Eles pretendem tornar-se o único poder que eleve governantes ao trono em cada um desses Estados, e assim chegar à dominação mundial. É óbvio que tanto os nazistas quanto os bolcheviques compartilhavam desse último objetivo, mas eles precisavam antes de poder absoluto num Estado para serem bem-sucedidos. Isso tudo pode parecer uma guerra cultural, mas não é. Há tão pouco de guerra cultural aqui quanto havia de guerra inter-racial na guerra nazista ou de guerra interclassista na guerra bolchevique.



Quais são as características comuns a todos os tipos de terror moderno que discuti acima? Admita-se que nós não temos convicção absoluta acerca da identidade dos arquitetos do bombardeio suicida de 11/9, e talvez jamais a teremos. Mas também ninguém jamais “provou”, sem margem a dúvidas, que os nazistas atearam fogo ao *Reichstag* ou que os bolcheviques executaram em massa os oficiais poloneses em 1939. Como diz a canção de Brecht-Weil na *Ópera dos três vinténs*: “um tubarão não é um tubarão se você não pode provar”.

Mas o *Führer* de uma organização totalitária é aquele que aparece como o *Führer*. Bin Laden é o *Führer* do terrorismo global contemporâneo porque ele aparece como tal, porque ele assumiu esse papel. Bin Laden é o cabeça de uma organização totalitária e em consequência é seu *Führer* por definição. Como cabeça de sua organização, bin Laden é a fonte de todo o poder. Seu mito é uma realidade tanto quanto eram reais os mitos de Hitler e de Stálin. Sabemos pelos livros de história que nos períodos de maior perigo, quando a União Soviética foi atacada pela Alemanha, Stálin teve medo e paralisou-se num estado de indecisão, literalmente impotente, enquanto outros tomavam decisões por ele. Mas estes continuavam a creditar a ele todas aquelas decisões, porque sem fê absoluta num *Führer* nenhum mecanismo totalitário pode funcionar adequadamente. É também por isso que penso ser prudente concentrarmo-nos na captura ou eliminação de bin Laden, e a razão pela qual eu julgo a objeção, aqui, de que haverá muitos outros para tomar o seu lugar concebível, mas ainda assim pouco razoável. Até bin Laden assumir a posição de *Führer* e enquanto seus retratos não eram carregados em cartazes em toda manifestação contra a América, ele era facilmente substituível, mas agora isso seria mais difícil.

Como já discutimos, um partido totalitário – para proscrever o pluralismo – precisa de uma ideologia fechada ou fundamentalista. Agora é o tempo do Islã. O uso de ideologias é similar em todos os casos. Neste caso, quem não aceita completamente a interpretação fundamentalista do Islã não é considerado um verdadeiro muçulmano, mas um agente dos cruzados ou dos judeus; ele é um inimigo. Nunca é demais enfatizar que o Islã cumpre a função de uma ideologia. Quase todas as religiões têm um fundamento, e parece até que elas são

facilmente mobilizáveis como credos fundamentalistas. Mas o fanatismo religioso (a única fonte de perversidade moral na dicção de Descartes) normalmente faz sua aparição triunfal em tempos de desintegração de identidades e de competição religiosa. Só que a desintegração de identidades e a competição entre concepções de mundo, éticas etc., deixou de ser excepcional: elas formam a exata situação do mundo moderno. E o fanatismo/fundamentalismo é apenas uma entre muitas respostas religiosas a esse desafio. As outras incluem a fé religiosa subjetiva, comunidades religiosas menores ainda abertas ao diálogo, *ocumene* e tolerância religiosa entre religiões tradicionais e mais novas.

No caso do fanatismo religioso (e o uso ideológico da religião na política é por definição fanático) a condenação moral do inimigo é fácil, e normalmente se concentra na sexualidade, em especial na sexualidade das mulheres. O fundamentalismo (seja religioso ou não-religioso) mobiliza todas as reservas de *ressentiment*, agressão e ódio. E o *ressentiment* é mais eficientemente mobilizado quando seu alvo é o poder e/ou a liberdade sexual, isto é, quando desejos inconscientes podem ser canalizados para um inimigo superdimensionado.

Como sabemos, toda organização totalitária é centralizada e hierárquica; ela opera como um exército por meio de relações de comando/obediência, e como tal está perfeitamente ajustada à operação clandestina e ao exercício do terror. Uma tal organização, como a Al Qaeda, mostra-se como um poder homogêneo. O poder homogêneo é atraente, e lá onde ele se institucionaliza – como é esse nosso caso – torna-se uma instituição carismática. Um poder arrogante, cheio de si e inflexível, quando organizado e mobilizado para a ação, é quase sempre carismático e assim também são seus *Führers*. Na sua visão cada dissidência é alta traição. E como o carisma se dissemina rapidamente pelos grupos de apoio, nesse caso entre os muçulmanos, dissidência ou diferenças de opinião serão sem dúvida consideradas traição e mesmo livres-pensadores potenciais serão vistos como traidores. Sempre que assisto na televisão à cobertura de manifestações de massa de entusiasmados de bin Laden e os vejo queimando bandeiras americanas e cartazes com o presidente dos Estados Unidos eu me lembro de manifestações parecidas e de passeatas em Budapest no início dos anos 50, quando

fotos do presidente Truman ardiam e todo mundo cantava em coro: “a América nos destruiria se tivesse a chance”. Então eu também aprendi que o medo e a fé se robustecem mutuamente, e que, sempre que o medo desaparece, a fé imediatamente se desvanece (salvo para os crédulos originários, que são, contudo, sempre minoria nessas manifestações). Eu não pretendo menosprezar o perigo do fanatismo de massas, quero antes enfatizar que ele está sempre do lado dos que aparecem como vencedores, nunca dos vencidos. Bin Laden deve a idolatria que recebe hoje ao ataque terrorista contra os Estados Unidos (quer o tenha ou não de fato organizado) e disso segue que ele deverá prosseguir nessas ações. Se bin Laden quiser preservar sua popularidade, ele precisa adicionar outras “vitórias” àquela do 11/9. Se não conseguir, ele perderá apoio e muitos de seus seguidores perderão a fé. É aqui que entra sua urgência em tornar a revolução permanente.

Eu já referi que regimes e organizações de terror precisam de uma imagem bem demarcada ou de um mito do inimigo. O inimigo precisa ser apresentado como o compêndio de todos os males, mesmo de “perversidades” que se autocontradizem, como é o caso do comunismo e do capitalismo. O exemplo mais célebre é o jargão de ódio de Hitler: “judeo-plutocrático-bolchevique”. A expressão, na realidade, descreve inimigos mitológicos. Os judeus eram o inimigo número um do nazismo. A guerra nazista foi em verdade feita primordialmente contra os judeus. Mas em outras organizações e Estados totalitário-terroristas os judeus (até bin Laden) não contavam entre os inimigos primordiais. O “capitalismo”, o “imperialismo” e os “inimigos de classe” eram os inimigos número um do regime soviético. Aparentemente nós lidamos aqui com o inimigo comum em todos os Estados e grupos terroristas, pois acabei de referir a retórica anti-plutocrática de Hitler. A maioria dos grupos terroristas europeus e japoneses era “antiimperialista”, e o capitalismo global é visto como inimigo mortal pelo terror global. Não obstante, as cabeças pensantes do terror global são elas mesmas capitalistas globais, do mesmo modo como Hitler fora apoiado por industriais e financistas alemães. (Eu novamente omito o fascismo italiano, porque ele não era um regime de terror na minha compreensão da palavra “terror”, mesmo que se tenha tornado totalitário na República de Saló, que tenha tratado com

crueidade seus inimigos, ou supostos inimigos, e praticado purgações étnicas.) O fato é que o anticapitalismo freqüentemente serviu de bandeira e foi usado principalmente para atrair ressentimentos de massas contra os ricos em favor de guerras raciais, religiosas ou territoriais.

Talvez seja ironia que os terroristas globais possam levar ao ar discursos de ódio contra a tecnologia moderna e a mídia, valendo-se de tecnologias modernas e da mídia. A rede do terror opera de um modo mil vezes mais sofisticado que o *Comintern* de Stálin. Os novos terroristas comunicam-se por *e-mail*, pela Internet e por telefones celulares. Mas a ironia é, afinal, mais um signo de “decadência” e perversão moral. O uso das redes de comunicação global apenas torna o terrorismo global mais invisível e menos rastreável que seus predecessores. É ainda outro tipo de ironia que as cabeças pensantes por trás do terrorismo, mesmo desprezando o racionalismo do mundo secularizado, planejem seus atos com o máximo de racionalidade. Eles não invocam a ira de Deus, ao contrário, calculam cada passo previamente, e mantêm registros de todos os meios necessários para atingir seus objetivos, e.g., a quantidade de combustível necessária numa aeronave que tenha determinado destino.

A retórica antiburguesa do terrorismo global parecerá ainda mais ridícula se dermos uma rápida olhada no contexto familiar e de educação dos ditos “atores”, nos registros biográficos das bombas-humanas reais e potenciais e de outros ativistas “profissionais”. Eu já referi que todos os membros de grupos terroristas até agora confirmados, tanto aqueles que foram presos ou postos sob vigilância na Europa como aqueles que ainda são investigados, são muçulmanos árabes, a maioria deles com ascendência em classes médias abastadas. O que é mais importante, todavia, é que eles possuem educação universitária. Eles são intelectuais frustrados. A primeira geração de lideranças soviético-comunistas também consistia principalmente de intelectuais frustrados. Uljanov/Lenin não pôde seguir sua desejada carreira acadêmica em razão da participação de seu irmão, e posterior execução deste, em atentado contra a vida do czar. Dsugasvili/Stálin, autor de poemas líricos modernistas, aterrissou no comunismo vindo de um seminário ortodoxo. E não se deve esquecer que Goebbels sempre assinou seus discursos de propaganda como Dr. Goebbels. Jovens que querem tor-

nar-se extraordinários num mundo muito ordinário, que possuem grandes ambições sem terem grandes talentos, ou que enfrentam dificuldades externas verdadeiras no curso de suas carreiras, todos esses são facilmente cooptados por credos fundamentalistas e mitos de heroísmo. Nesse desenvolvimento alguns param em determinado ponto, mas outros vão até os extremos. Esses jovens perseguem o fantasma da imortalidade, seja a fama imortal ou um lugar no paraíso. O primeiro tipo quer ser lembrado eternamente pela história, o segundo quer entrar imediatamente no paraíso. Se eles realmente vêm ou não a assassinar alguém não me parece fazer uma enorme diferença.

Universidades de massas são fábricas de produção de intelectuais frustrados e permanecerão como campos de manobras para todo tipo de extremismo. Que tipos de extremismo ocorrerão no futuro ninguém pode prever. Nós devemos agora enfrentar-nos com o mais virulento. Mas qual é, afinal, o inimigo comum deles? Quem é o inimigo? Porque existe com certeza um inimigo comum, odiado e perseguido por todas as organizações totalitárias, os Estados de terror e as redes de terror. Esse inimigo comum não é o capitalismo, nem a moderna tecnologia. É a democracia liberal, os direitos humanos e o secularismo. Por “secularismo” eu não compreendo a derrota das religiões. De resto, o inimigo mais odiado, a América – em contraste com a maioria dos Estados europeus –, é um país completamente religioso. Secularismo aqui significa a possibilidade de escolher entre religiões ou mesmo de não escolher nenhuma delas, a divisão das esferas da religião, da estética, da política e da economia, e finalmente a possibilidade de escolher entre uma grande variedade de formas de vida. A liberdade é o inimigo comum.

A modernidade é fundada na liberdade, mas essa liberdade é um fundamento que não fundamenta. Em liberdade pode-se optar pela não-liberdade, pode-se livremente escolher a não-liberdade. E essa é a opção dos fundamentalistas. Eles não renunciam à modernidade, eles não renunciam ao capitalismo nem à tecnologia moderna. Eles não renunciam ao racionalismo nem à Ilustração no seu todo. O que eles renunciam mesmo é a uma interpretação da Ilustração, qual seja, a Ilustração de Kant. A Ilustração, segundo Kant, significa a superação de nossa auto-imposta tutela. (Na modernidade, toda tutela é sempre auto-

imposta.) O fundamentalismo, ou a filiação a uma organização totalitária, é um retorno à tutela. Retorno que também significa renúncia às três máximas ilustradas do entendimento humano: pensa com a tua própria cabeça (pensamento independente), pensa no lugar do outro (pensamento alargado) e pensa de modo consistente. O fundamentalismo renuncia ao pensamento independente, rejeita o pensamento alargado e – por meio de seus exercícios de propaganda – tenta fazer de tolo o pensamento consistente.

As três máximas da compreensão humana são máximas, não normas. Poucas pessoas seguem-nas completamente. O fardo do pensamento independente é o fardo da liberdade, que é pesado. Todos nós temos preconceitos, e por isso é tão difícil situarmo-nos em pensamento no lugar dos outros. Além disso, pensar consistentemente é talvez a máxima mais difícil de seguir, porque sempre que nossos valores ou preferências estão em jogo nós pensamos que estamos sendo consistentes, e precisamos que outros nos apontem onde não somos consistentes. É terrivelmente difícil navegar entre o fundamentalismo e o niilismo, entre o fanatismo e o cinismo, entre concepções de mundo totalmente fechadas e o relativismo total. Mas é exatamente essa navegação difícil que precisa ser defendida. Por que nós – democratas, liberais – precisamos pedir desculpas por estarmos absolutamente convencidos de que a porta aberta para uma navegação como essa é afinal o tesouro no labirinto do mundo moderno? Por que nós com tanta frequência nos intimidamos com dizer simplesmente “Não!”, sem enveredar por fraseados super-sofisticados, sempre que esse tesouro se torna alvo predileto do ódio, sempre que autoproclamados redentores tentam destruí-lo?

Como resposta aos desafios do terror global eu repetiria as palavras de mais um nome da Ilustração. Confrontado com um assassinato motivado por fanatismo religioso, Voltaire dirigiu-se a seus compatriotas com a exortação: *Écrasez l'infame!* – “Agarrem o infame!” Eu apenas adicionaria: e certifiquem-se de que outros tenham sorte igual.